

# Lidando com alunos problemáticos

Rousas J. Rushdoony

Se partirmos de premissas falsas, sempre falsificaremos e interpretaremos mal todos os problemas que enfrentamos. Em lugar de resolver nossos problemas, os agravaremos. As escolas estatais são cada vez menos competentes em lidar com os problemas do comportamento delinqüente porque raciocinam a partir de premissas falsas. Como resultado, não conseguem compreender a natureza do problema que enfrentam.

No final dos anos 1960, o Comitê sobre a Violência do Departamento de Psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Standford estudou o problema da violência no mundo moderno. Nem uma só vez em seu simpósio sobre *Violência e a Batalha pela Existência* o pecado foi considerado a causa primária da violência. Ao invés disso, em termos evolutivos, encararam a violência como um aspecto da luta do homem por adaptar-se e relacionar-se com o meio. Na verdade, viram como um fator “significativo”, como algo que contribuía para a violência social, todas aquelas restrições relacionadas ao “castigo da relação sexual extramarital”. Em outras palavras, os padrões morais cristãos promoviam a violência!<sup>1</sup>

Tais opiniões, atribuindo a delinqüência e a violência a fatores ambientais ou evolutivos, são bastante freqüentes. Um cristão professo, diretor de uma escola estatal, me disse que toda a delinqüência tinha sua origem no ambiente e na herança genética. Quando citei numerosos exemplos que desmentiam sua tese, incluindo o exemplo de uma jovem nascida em uma família absurdamente depravada e que foi violentada várias vezes por membros ou amigos da família quando era criança e ainda adolescente, e de como chegou a se tornar uma mulher e mãe cristã feliz após sua conversão, ele me disse que era “ilegítimo” introduzir a teologia nos problemas sociais! Se a palavra e o poder de Deus não governam todas as áreas da vida, então Ele não é Deus.

---

<sup>1</sup> Frederick W. Ilfeld, Jr., M.D., “Environmental Theories of Violence” in David N. Daniels, M.D., Marshall F. Gilula, M.D., Frank M. Ochberg, M.D., editors: *Violence and the Struggle for Existence*, p. 88. Boston, Massachusetts: Little, Brown, 1970.

O problema primário de toda a delinqüência em qualquer idade sempre é o pecado. Em qualquer caso de pecado impenitente, a Bíblia dá à igreja uma responsabilidade bem definida: a *excomunhão*.

...Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?  
Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. (1Co. 5:6-7)

Paulo está descrevendo aqui a necessidade de expulsar, pela autoridade de Deus, os delinqüentes, *os pecadores*. Suas palavras se aplicam a todas as instituições cristãs, à escola bem como à família. Um costume do judaísmo ortodoxo, agora menos praticado, que tem profundas raízes no Antigo Testamento e na família, celebrava um funeral para qualquer membro apóstata, e, a menos que ele se arrependesse, era considerado morto para todos os efeitos práticos.

Várias escolas cristãs andam tropeadamente por causa de sua desobediência à Escritura neste ponto. Por não expulsarem o impenitente, permitem a corrupção de todo o corpo estudantil. Ademais, é importante que reconheçamos o que significa arrependimento na Bíblia. A palavra em grego é *metanoia*; significa uma mudança de rumo, de vida, de direção, de pensamento e de conduta. O arrependimento na Bíblia não é uma questão de dizer somente “me arrependo” ou “lamento”, mas significa uma mudança total de vida, do pecado e impiedade para a fé e a justiça.<sup>2</sup>

A instrução em uma escola cristã se efetiva em termos dessa vida de fé, justiça e serviço a Deus por meio desse conhecimento. Há um lugar legítimo para os filhos dos incrédulos na escola cristã, porém não há lugar para uma criança delinqüente, não importa de que lar tenha vindo. Em alguns casos, a criança pecaminosa provém de um professor da própria escola. Em todos e em cada um dos casos, a integridade da escola requer um tratamento firme do problema, e se necessário, a expulsão.

A desculpa mais comum dada pelos pais é que, de alguma maneira, a culpa é do professor e que “o professor não compreende meu filho”. É preciso lidar com estes argumentos de maneira firme. *Primeiro*, nenhum professor é perfeito, e portanto impecável ao tratar

---

<sup>2</sup> Ver William Douglas Chamberlain: *The Meaning of Repentance*. Philadelphia, Pennsylvania: The Westminster Press, 1943.

com uma criança. Isto está fora de questão. O estudante tem a responsabilidade de ser obediente e receptivo na sala de aula, independentemente do professor, e o pai tem a obrigação de exigir isto de seu filho. *Segundo*, não é obrigação do professor “compreender” a criança mas, sim, *instruí-la*. Só uns poucos professores me compreenderam, se é que algum o fez, e às vezes isso era doloroso. Contudo, todos me *ensinaram*, e fui eu quem saiu ganhando.

Além disso, os pais necessitam ouvir, de forma firme mas amável, que há uma diferença entre *defender* seu filho e *ajudá-lo*. Muitas vezes se defende melhor uma criança do pecado castigando-a. Ajudamos mais aos nossos filhos quando lhes dirigimos para verem que devem se conformar ao padrão de Deus, não ao do mundo ou a padrões pessoais. A escola, a criança e os pais sofrem quando não se trata com o pecado de uma criança a partir das Escrituras. Um jovem com um Q.I. elevado, nascido de pais brilhantes, vive hoje com um soldo muito precário que exige que sua esposa trabalhe fora. Ele foi expulso da universidade. Seus pais, devido à proeminência que tinham nos círculos cristãos e à tola obstinação em defender seu filho, nunca estiveram dispostos a enfrentar a verdade com respeito a ele, e quase nenhum professor de nenhuma escola cristã se atreveu a fazê-lo. O que se atreveu a fazê-lo não recebeu apoio por parte do diretor nem do pastor. O resultado foi uma vida desperdiçada, dois pais amargurados, e uma quantidade de anos de sofrimento para alguns professores. Neste caso, o pecado do filho foi agravado pelos pais, professores, diretor e pelo pastor. *Todos pecaram* contra o Senhor, e contra outras crianças, cuja aprendizagem foi prejudicada por um garoto malcriado. *Pecamos quando não enfrentamos o pecado como pecado*. Pecamos quando fazemos vista grossa para o pecado e o chamamos com nomes como “hiperatividade”. O pecado de uma criança não deve ser ocasião para o pecado de todo o corpo da escola.

O Senhor não abençoa nossos pecados, mas nossa fidelidade. Foi o pecado de Adão o que conduziu à queda e ao sofrimento do homem. O pecado ainda é nosso inimigo primário. Uma escola cristã não deve ser delinqüente ao tratar com o problema do pecado.

As razões mais comuns para justificar o fracasso de não tratar com o pecado dos estudantes são, *primeira*, o medo de perdas financeiras. A perda financeira pode ser real, porém a questão tem a ver

com prioridades. O que é mais importante: o rendimento financeiro, ou a benção do Senhor e o bem-estar da escola? Ademais, a escola que tolera o pecado sofrerá financeiramente no longo prazo.

*Segundo*, o medo dos pais, geralmente por serem pessoas de renome na comunidade. Se formos *governados* por tal temor, então seremos governados por tais pessoas na escola. Perderemos o direito à autoridade na escola ante as crianças malcriadas e os pais a quem elas controlam.

*Terceiro*, há o fato da covardia moral. Tratar com problemas difíceis geralmente é doloroso, porém as conseqüências da covardia moral são muito mais dolorosas.

O pecado é o problema básico do homem. Não podemos evitar tratar com ele em nós mesmos, ou em qualquer área da vida. A escola cristã deve sempre estar preparada para confrontá-lo.

Tradução: Márcio Santana Sobrinho

Fonte: The Philosophy of the Christian Curriculum, p. 124-127.